

Governo decide que só Brossard pode dar informações sobre a apuração do atentado

BRASÍLIA — O Ministro da Justiça, Paulo Brossard, anunciou ontem que, a partir de agora, as informações sobre a agressão sofrida pelo Presidente José Sarney no Rio de Janeiro ficarão centralizadas em seu Gabinete.

— Ficou estabelecido que só o Ministro da Justiça falará sobre o andamento do inquérito — disse Brossard, que minutos antes da entrevista conversara com o Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal (DPF), Romeu Tuma. Com essa decisão, o Ministro veta a maior fonte de informações, que é o próprio Romeu Tuma.

De acordo com assessores do Gabinete Ministerial, a determinação de centralizar as informações sobre o episódio da Praça Quinze partiu do próprio Presidente José Sarney. O Presidente teria dito a Brossard que a agressão ocorrida no Rio é um assunto de Governo.

Apesar de desde ontem ser responsável pela divulgação do desenrolar do inquérito aberto pela Superintendência da Polícia Federal no Rio, o Ministro não revelou nenhum fato novo, limitando-se a informar a de-



Brossard não deixa nem Tuma falar

tenção de Danilo Groff, do qual nem o nome sabia. Romeu Tuma não falou com os repórteres após a reunião com Brossard. O seu porta-voz, Paulo Marra, não comentou o súbito silêncio agora imposto ao Diretor-Geral do DPF e apenas disse que as informações sairão do Gabinete do

Ministro. O Delegado Romeu Tuma acompanha hoje o inquérito no Rio.

Alto funcionário do Departamento de Polícia Federal (DPF) informou ontem que a Superintendência do órgão no Rio de Janeiro já identificou mais três manifestantes que participaram das agressões ao Presidente José Sarney, na Praça XV.

Já estão identificados Luiz Carlos de Jesus Machado, Presidente do Sindicato dos Urbanitários, Luiz Tadeu (identificação parcial), da Associação dos Funcionários da Febem, e Maurício Pentaki, cuja vinculação com entidades ainda não foi identificada, mas a Polícia Federal já sabe que foi Pentaki quem comandou as manifestações através de palavras de ordem transmitidas por um megafone.

Segundo ainda as informações da Superintendência, a Polícia Federal já sabe que a manifestação foi articulada no local chamado popularmente de "brizolândia", ao lado da principal escadaria da Câmara de Vereadores, onde se reúnem membros e simpatizantes do PDT. Luiz Carlos, Maurício e Luiz Tadeu poderão ser detidos nas próximas horas.

Ex-Deputado do PDT dá versão para o atentado

As manifestações que culminaram nas agressões ao Presidente José Sarney teriam sido planejadas no gabinete do cerimonial da Câmara dos Vereadores, onde funciona um comitê pelas diretas. Essa informação consta de uma conversa entre um ex-Deputado estadual, ligado a Brizola, e o Governador Moreira Franco. Entre as pessoas citadas na conversa — de onde Moreira fez um relatório com cópias enviadas ao Comando Militar do Leste (I Exército) e à Polícia Federal — constam o nome de Danilo Groff e da Vereadora Dilza Terra. A exceção de um caixão utilizado na passeata, revelou uma fonte do Palácio Pedro Ernesto, todos os cartazes foram feitos com material da própria Câmara dos Vereadores. No relatório, consta ainda que após a manifestação, várias pessoas voltaram ao comitê para comemorar.

Peritos do DPF fazem vistoria no ônibus do Presidente com quatro dias de atraso

Quatro dias depois do atentado ao Presidente José Sarney, finalmente dois peritos da Polícia Federal foram ontem a Barra Mansa fazer a vistoria no ônibus. Eles encontraram dois vidros quebrados, um pára-brisa estilhaçado, 23 marcas de pedradas na lataria, três forros de encosto de poltrona sujos de sangue e uma pedra portuguesa preta no corredor. O laudo será encaminhado nesta quinta-feira ao Superintendente da Polícia Federal do Rio, Fábio Calheiros Wanderley, que o anexará ao inquérito policial.

Durante uma hora, o perito Ivan Campos e seu auxiliar Renato Aquino examinaram dois ônibus da Viação Cidade do Aço: o Mercedes-Benz XN-5121, que era ocupado pelo Presidente e sua comitiva, e o Scania XN-5291, que estava sem passageiros no dia do atentado (foi alugado para ficar de reserva), mas também foi atacado. A lateral esquerda do ônibus reserva tinha três perfurações, provocadas, segundo os peritos, por um objeto pontiagudo de extremidade triangular, possivelmente a mesma ferramenta utilizada para quebrar o vidro da janela de Sarney.

— Esta ferramenta deve ser a tal picareta ou a marretinha que os jornais tanto falaram — disse Ivan Campos, que chegou à garagem às 10h15 e teve seu trabalho facilitado pelo gerente de manutenção da empresa, Cirilo Brito de Cruz, que logo que os dois ônibus chegaram a Barra Mansa, sexta-feira passada, mandou desenhar um círculo em torno de cada uma das marcas de pedradas ou perfurações.

De acordo com os peritos, o vidro



Peritos examinam as marcas das pedradas, assinaladas com círculos

da janela ao lado da poltrona do Presidente foi quebrado por uma ferramenta pontiaguda. A pedra que estilhaçou o pára-brisa esquerdo do ônibus foi lançada do alto da passarela da Praça 15, segundo o motorista João Joaquim de Souza.

Durante os cinco minutos em que o ônibus foi atacado, Sarney se manteve calmo e ignorou a recomendação da segurança para mudar de lugar. Embora fosse o alvo principal dos manifestantes, permaneceu na poltrona número 1. O relato é do motorista Souza, que conseguiu retirar o ônibus do estacionamento.

— Aquela confusão toda deve ter durado uns cinco minutos, mas para

mim foi uma eternidade. Eu só tinha uma preocupação: que alguém se atirasse na frente do ônibus para me obrigar a parar.

Preocupado em sair com todos os passageiros ilesos, Souza não pôde observar as reações. Lembra, porém, que quando o vidro da janela foi quebrado, os seguranças pediram a Sarney e ao Governador Moreira Franco (que estava a seu lado na poltrona do corredor) mudassem de lugar e se abaixassem. O Governador atendeu a recomendação e foi para uma poltrona na segunda fila.

— O Presidente ficou no mesmo lugar e não parecia muito nervoso — contou Souza.

Porta-Voz explica que falha operacional facilitou atentado a Sarney no Paço Imperial

BRASÍLIA — A apuração de responsabilidades pelas falhas no esquema de segurança do Presidente José Sarney, verificadas na recente visita ao Rio de Janeiro, não obedecerá a critérios que localizem em setores específicos do Palácio do Planalto os erros cometidos. Segundo o Porta-Voz da Presidência da República, Frota Neto, os Ministros militares ainda não concluíram a análise da qual foram encarregados por Sarney mas já adiantaram que os erros concentram-se todos na operacionalização das normas e padrões adotadas para a segurança do Presidente.

Segundo Frota Neto, não procedem as informações de que a responsabilidade maior caberia ao Gabinete Militar nos incidentes registrados no Rio de Janeiro. O Porta-Voz assegurou que as falhas estão sendo estudadas de uma forma global, envolvendo todos os setores diretamente ligados à questão da segurança do Presidente. Esses setores estão voltados para a análise do

problema nos planos federal e estadual e não cogitam, por enquanto, de alterar o esquema de segurança presidencial.

Sarney fará mais duas aparições públicas esta semana, sem proceder a qualquer modificação na sua segurança pessoal, segundo Frota Neto. Hoje pela manhã ele participará da solenidade da Páscoa dos Militares, na Catedral de Brasília e depois de amanhã visita o Acre e Puerto Maldonado, no Peru, onde manterá dois encontros de trabalho com o Presidente daquele país, Alan García. Para essa viagem, segundo o Porta-Voz, também não serão adotadas quaisquer alterações em função dos incidentes do Rio.

— Esse problema está nas mãos do Delegado Romeu Tuma e parece que já houve até prisões na busca aos responsáveis pelo atentado contra o Presidente. O Palácio analisa as falhas de ordem operacional e não as de descumprimento de normas de segurança, porque isso não aconteceu — disse Frota.

Newton quer ver agressores enquadrados na LSN e afirma que em Minas Polícia garante

BELO HORIZONTE — O Governador Newton Cardoso defendeu ontem a aplicação da Lei de Segurança Nacional aos autores do atentado contra o Presidente José Sarney no Rio de Janeiro. Para ele, a agressão foi "um ato selvagem, desrespeitoso com a autoridade maior desse País". A despeito disso, Newton acha que houve falha na segurança do Rio, o que não aconteceria em Minas, onde a Polícia "é muito brava e eu não permito a quebra da ordem".

Cardoso acha que os respon-

sáveis pelo episódio devem ser procurados na extrema-direita ou na extrema-esquerda, que, a seu ver, "estão querendo levar esse País ao confronto".

— Estão brincando com fogo, a verdade é esta. A extrema-esquerda fica pregando a revolução. A extrema-direita vem com atentados. Não se deve brincar com a liberdade deste País.

Ele não vê problemas na aplicação da LSN, porque, em sua opinião, os autores não passam de "criminosos baratos".